

QUEM CONSTRÓI AS CASAS. 2020/24

Maria Vaz

Lucília com 2 anos e 7 meses:

- Mamãe, vamos fazer casa igual o papai?
- Eu não sei, Lucília.
- Por quê?
- Não estudei na escola que seu pai estudou? - É?

- Seu pai é engenheiro. Ele faz casa, sua mãe não é engenheira.
- Só homem que faz casa, não é? (ela andava observando muitas construções)
- Não. Mulher também faz. Mulher que é engenheira.
- É?
- É.

Em algum momento a partir do ano de 1960 a Jacy transcreve essa conversa que teve com a filha Lucília. Parto dela para, junto com a Jacy, tentar responder: quem constrói as casas? Quem são, também, as engenheiras?

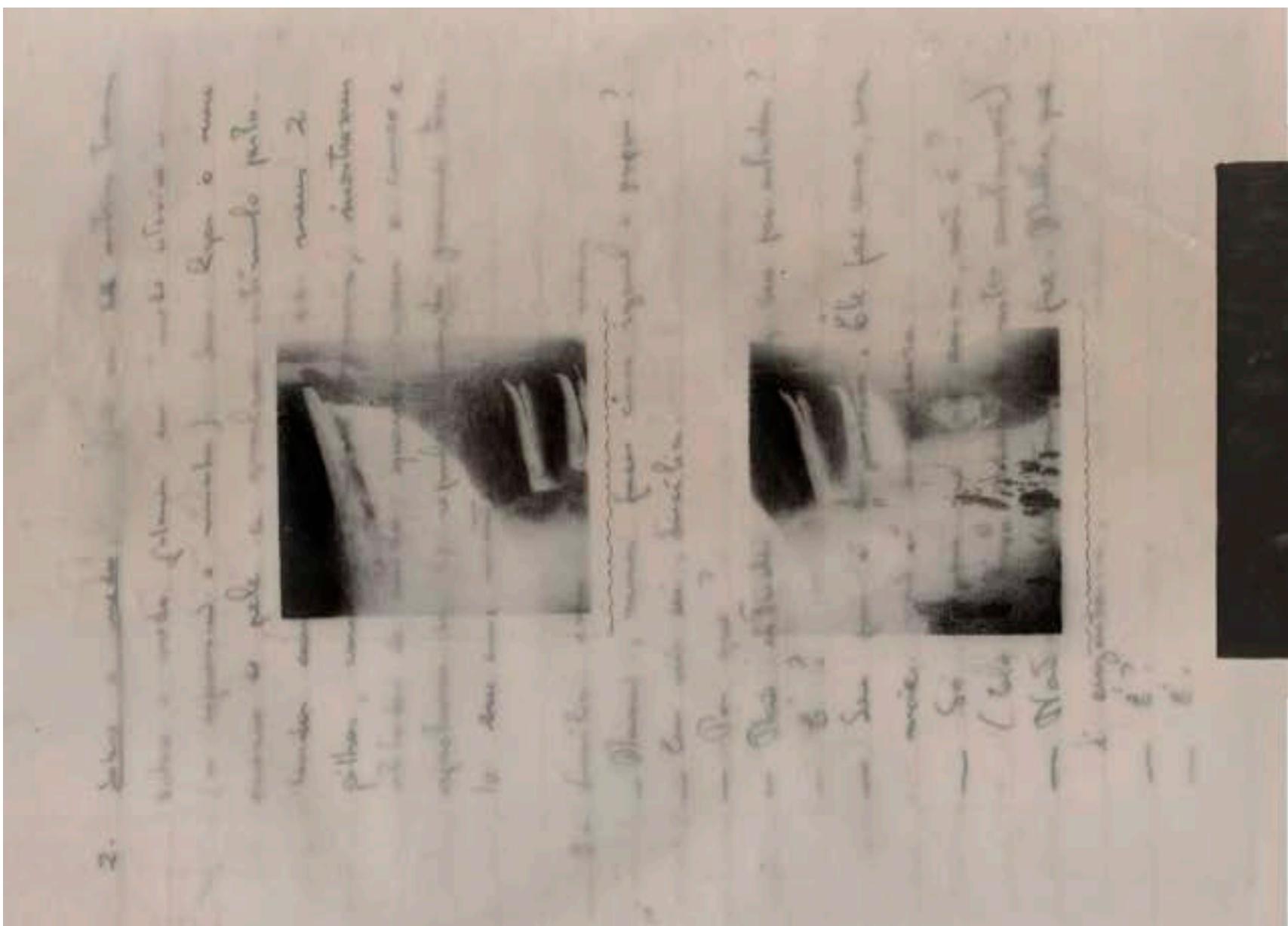
Meu avô, Ruy, construiu a casa da minha infância. Jacy, minha avó, uma mulher nascida em 1930, foi mãe de quatro filhos, doutora em Sociologia da Educação, professora na Universidade Federal de Minas Gerais e autora de um material didático que, após romper com o conservadorismo que via algo de inovador em seu conteúdo, foi usado em quase todo o Brasil. Tanto em casa quanto na sala de aula, ela passou a vida ensinando a ouvir, contar e criar histórias.

Certa vez disseram que o Ruy, apesar de ter sempre valorizado e incentivado a carreira da esposa, uma vez questionou: “o que são as historinhas da Jacy perto de quem constrói casas?”. Anos depois, arrependido da pergunta retórica, ele reconsidera: “o que são as casas que eu construí perto das histórias que a Jacy criou? Estas são pra sempre, ninguém destrói”. Afinal, na casa se estabelecem também os valores de sonho, que permanecem mesmo quando ela já não existe mais. Dado o entendimento tardio, o Ruy passou os últimos anos da vida (já muito depois da morte da Jacy) tentando reeditar a *Construção do Futuro* (um dos quatro livros da coleção escrita por ela, todos guiados pela palavra “construção”), tarefa que só uma verdadeira engenheira conseguiria cumprir.

A casa é o que o sujeito faz dela. Um lugar que abriga devaneios, onde se é possível sonhar; um lugar cuja existência está mais nos afetos e nas estórias, que no rígido concreto. A casa se transforma, fluida, tal como a memória. Depaupera-se, perde o viço, mas permanece viva porquanto haja imaginação, porquanto haja estórias e quem as possa contar.

Entre a frieza de uma planta arquitetônica e da casa vazia e a leveza do nado e das brincadeiras entre amigas, este trabalho conta histórias da permanente impermanência das casas, dos corpos e de quem as constrói. Uma construção que, inverso à conversa que de certo modo conduz o trabalho, é feita por meio dos afetos, e pelas mãos das mulheres, cujas vozes e histórias vão se confundindo, se emaranhando.

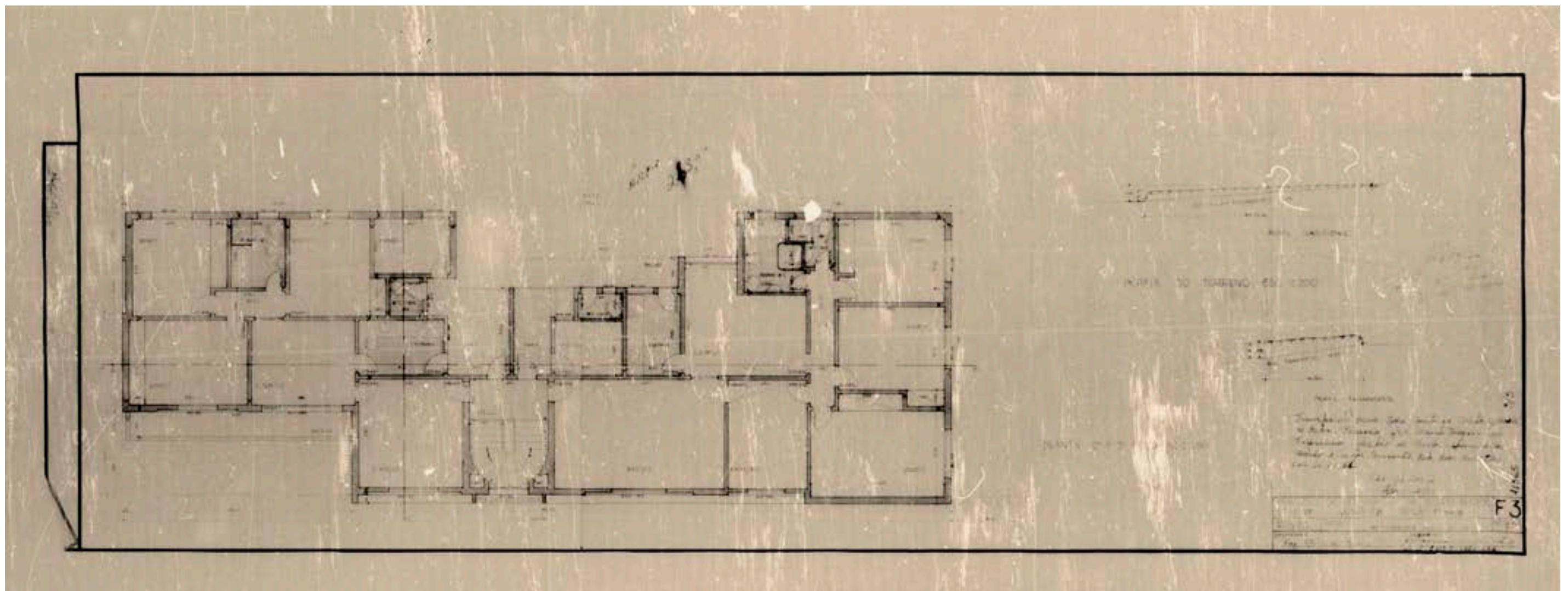
Certa vez minha avó nadou tão longe mar adentro que a demos por morta. Algumas horas depois apareceu em um barquinho, acompanhada de dois pescadores: “encontramos essa senhora perdida algumas ilhas pra lá”. Certa vez minha avó nadou tão longe que atravessou ilhas. Aos três anos de idade, meu pai me ensinou a nadar. Minha avó me ensinou a boiar e a dar umas braçadas mais compridas.





Por enquanto, avisei a todo mundo que morri e só
ressucito em novembro. Tenho trabalhado com um ritmo
assustador, dia e noite, mas darei conta do meu recado. De-
pois, vou jogar fora papéis, lapis e caneta, não escreverei nunca
mais e vou virar doutora em cozinha, babá de neto, tudo
que eu nunca fui em minha vida. Serei outra mulher e mando
os Estudos Sociais para a









- 3 - Lucília com 2 anos e 7 meses.
- Mamãe, vamos fazer casa igual o papel?
- Eu não sei, Lucília.
- Por que?
- Não estudei na escola q. seu pai estuda?
- E?
- Seu pai é engenheiro, Ele faz casa, sua mãe não é engenheira?
- Só homem que faz casa, não é?
- (Ele estava observando minhas construções).
- Não. Mulher também faz. Mulher que é engenheira.
- E?
- E.















